

O SEXO DAS TESOURAS

A marca do sexo na profissão de cabeleireiro/a pelos/as de homossexuais e transexuais de Iguatu – CE

Francisco Brenno Soares Cavalcante¹

236

Resumo: As contribuições sobre a divisão sexual do trabalho de Kergoat (1986, 2002, 2003, 2010), Hirata (2016), Kergoat & Hirata (2007), Delphy (2015) ao comprovarem os princípios: separação e hierarquia; os estudos de Teles (2011, 2012), Teles & Sá (2008) sobre os barbeiros de Aracaju- SE; e a pesquisa de Ramírez (2012) com cabeleireiros/as homossexuais de Bogotá-COL identificaram que no trabalho existem elementos para além da produção dos valores de *uso e troca*. Assim, através de entrevistas, diário de campo e observação participante, investigou-se no trabalho dos/as cabeleireiros/as homossexuais e transexuais de Iguatu-CE elementos que os/as particularizam e que foram destrinchados: a) o trabalho emocional (HIRATA, 2016; GAVIRIA, 2011; RAMÍREZ, 2012), b) o *mito da má mão* (RAMÍREZ, 2012) e c) o *mito da boa mão*, ideologia que atinge os homossexuais e transexuais cabeleireiros/as. Este artigo reflete a necessidade de desvendar elementos que denunciam a *sociedade heterossexual* (Wittig, 2006) através dos estudos da divisão sexual do trabalho, indispensáveis para combater o regime heterossexual e o patriarcado.

Palavras-chave: Divisão Sexual do Trabalho. Sexualidade. Gênero. Relações Sociais de Sexo. Classe Social.

Introdução

“Se não for artista vai parar na *pista*”²

Desenvolver formulações acerca da categoria trabalho consubstanciado em relações sociais de sexo e “raça”/etnia emerge como um dos principais objetivos para

¹ Assistente social. Especialista em Saúde da Família e Comunidade pelo Programa de Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública do Ceará (RIS/ESP-CE).

² Frase disseminada entre a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, travestis e Transexuais) como alerta de que a forma para não entrar na prostituição que Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais encontram é se inserir no ramo de profissões ligadas à arte e sem grau de instrução acadêmico, como maquiador/a, costureiro/a e cabeleireiro/a.

revolucionar ou mesmo subverter as relações sociais existentes marcadas pela exploração e dominação, visto que fornece subsídios de análise que ampliam e enriquecem o entendimento das práticas sociais de forma abundante, complexa e inventiva (KERGOAT, 2002).

Trazer essa relação para o cerne do debate necessariamente exige reportar às produções precursoras que se apropriaram e apontaram críticas às abordagens clássicas da categoria trabalho, nas quais temos a contribuição das feministas francófonas e socialistas que permanece frutífera. Dentre os exemplos que podem ser mencionados está Kergoat (1986), que já alertava o erro dos estudos sobre a classe operária ser marcado por infinitas variáveis (jovens/velhos, estáveis/precários, qualificados/não-qualificados), porém analisados sempre de forma *unívoca* através do sexo masculino.

Como fruto dessa inquietação, a categoria divisão sexual do trabalho aparece como cara para os estudos feministas por constatar que o sexo é um fator determinante que impacta nas mulheres da classe trabalhadora ou, como aponta Kergoat (2003), que a base material das relações sociais de sexo é a divisão sexual do trabalho. Conseqüentemente, esse debate não cessou sua riqueza e abriu espaço para outras reflexões que advieram posteriormente, como a propulsão dos estudos do trabalho *care* que permitiu o acréscimo da categoria “raça”/etnia ao demarcar a “cor” e os elementos culturais de migrações presentes. Assim, verificou-se uma riqueza nas análises com o “cruzamento” das relações sociais de sexo, classe e “raça” (KERGOAT, 2010, p. 102).

As mesmas inquietações despertaram a curiosidade em investigar postos de trabalhos marcadamente expressos pela sexualidade transgressora, espaços que foram construídos uma imagem da profissão fortemente atrelada à população estigmatizada por subverter o *regime heterossexual* (WITTIG, 2006). Dentre as evidências que foram o estopim para enxergar a estreita relação entre a profissão de cabeleireiro/a e o segmento de homossexuais, travestis e mulheres transexuais pode ser comprovado com os dados estatísticos do relatório do Grupo Gay da Bahia de 2014 intitulado *Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil*, que revela a profissão de cabeleireiro/a como a segunda maior no perfil das vítimas por homofobia, perdendo apenas para as profissionais do sexo com 45%.

Em nível acadêmico, boas contribuições podem ser mencionadas, como o estudo de Silveira (2006), que comprovou a atividade de cabeleireiro/a como mais “tolerante” para as pessoas transexuais ao lado das profissionais do sexo e das religiões de matriz africana; o estudo de Ramírez (2012) que investigou as diferentes masculinidades entre os “estilistas”, cabeleireiros e barbeiros em Bogotá-COL; e Teles (2011, 2012), Teles & Sá (2008) que, ao investigar a mudança da profissão de barbeiro ao passo da modernização da cidade Aracajú- SE, identificou as “tensões” destes agentes relacionadas aos cabeleireiros nos discursos, considerados por eles como homossexuais e mulheres que “desqualificam” a atividade.

No nível local, o município de Iguatu-CE se demonstrou propício para o desenvolvimento da pesquisa pela grande incidência de homossexuais e transexuais que são cabeleireiros/as ao ponto da Associação de Travestis, Transexuais e Homossexuais de Iguatu – ATTRAHI desenvolver atividades de cunho assistencial com oferta de serviços de beleza em locais públicos, chamada *Divas Days*³.

Já é antiga a complexa relação existente entre a profissão de cabeleireiro/a e o sexo feminino, no entanto, carece-se de debate quando os sujeitos que ocupam esse posto de trabalho são aqueles/as que transgridem as fronteiras dos sexos e da heterossexualidade. Além disso, torna-se no mínimo curioso investigar essa relação quando se sabe que esta profissão é marcada pela contradição dos extremos entre a repulsa e o reforço aos elementos historicamente atribuídos às mulheres na sociedade patriarcal, dentre os quais iremos analisar dois que coexistem antagonicamente: o *trabalho emocional*, o *mito da má mão* e, por conseguinte, o *mito da boa mão*.

Nesta pesquisa não foi possível identificar as lésbicas na profissão de cabeleireiro/a, mesmo que esta ocupação seja marcada historicamente pela presença feminina tanto entre seus/as agentes quanto em seu público-alvo. A menção dessa ausência das lésbicas se faz importante, uma vez que contribui para enriquecer o debate que serve de base para outras reflexões vindouras. Além disso, compartilho do posicionamento de Rich (2010) ao afirmar que pôr a existência das lésbicas nos debates

³ Uma análise acerca da atividade *Divas Days* está no capítulo 03, em Cavalcante (2015).

encoraja e estimula as feministas a abordarem a heterossexualidade como um regime político que retira o poder das mulheres. Com isso, a investigação da divisão sexual do trabalho serviu como solo para canalizar no direcionamento de como os sujeitos gays e mulheres transexuais desenvolvem seu trabalho em uma atividade marcada pelo sexo feminino, a profissão de cabeleireiro/a⁴.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, ou seja, detém-se a desvendar as particularidades dos significados e características dos fenômenos que o objeto de pesquisa apresenta, logo, não se tem a pretensão de oferecer resultados universalizantes e absolutos (OLIVERIRA, 2016). O método que norteou a pesquisa foi o materialismo histórico-dialético por buscar a apreensão da essência dos fenômenos por meio das contradições reais da totalidade dinâmica, assim o “pesquisador *reproduz* no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador *reproduz*, no plano ideal, a essência do objeto que investigou” (NETTO, 2011, p. 22, grifos do autor).

Entre os instrumentos e técnicas que foram utilizados na pesquisa estiveram a observação participante com a produção de diário de campo e entrevistas semiestruturadas com os/as cabeleireiros/as homossexuais e transexuais do município de Iguatu-CE. A pesquisa contou com o universo de 06 (seis) profissionais: 05 (cinco) profissionais que participaram ou foram convidados/as para alguma edição do *Divas Days* e 01 (um) que se autoafirma homossexual, é cabeleireiro, tem salão próprio, mas aos finais de semana atuava como auxiliar no salão de um/a dos/as cinco para suprir a grande demanda.

A realização da observação participante foi nos locais de trabalho dos/as profissionais pesquisados/as com a preocupação de ter dois momentos para cada

⁴ Para entender a marca histórica de gênero da profissão de cabeleireiro basta ver Cavalcante (2015), enquanto Teles (2008, 2011, 2012) contribuiu para enxergar o perfil masculino da profissão de barbeiro, ainda que não tenha sido o objeto central da sua pesquisa.

profissional: um durante os dias úteis entre terça-feira a sexta-feira e outro nos finais de semana (sábado e domingo). Diante da baixa demanda nos dias úteis, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas prioritariamente nesse período com os/as 06 (seis) participantes, houve a possível interrupção da chegada de algum/a cliente e teve a utilização do celular como gravador de voz para transcrição das falas.

Obteve-se o auxílio do diário de campo com linguagem verbal construído na perspectiva de registrar os acontecimentos, reflexões e percepções do pesquisador com garantia de agregar concretude documental de maior fidelidade à experiência vivida. Tal comprometimento é importante, pois “o diário de campo busca evitar que as pessoas, ao fazerem um trabalho científico fiem-se na memória para recordar o que viram” (FALKEMBACH, 1987, p. 05).

No que tange à identidade de gênero e orientação sexual dos/as participantes, teve a composição de 04 (quatro) *gays*, 01 (um) bissexual e 01 (uma) mulher transexual definições que surgiram na pesquisa por meio da autodeclaração dos/as participantes. Assim, na garantia de preservar a integridade e identidade pessoal dos/as envolvidos/as, os/as participantes foram nomeados/as na produção da pesquisa por cada cor do arco-íris, símbolo mundial de resistência e luta da população LGBT.⁵

TRABALHO EMOCIONAL: a marca do sexo na profissão de cabeleireiro/a

Sem muito esforço ou mesmo no plano da aparência, existe uma relação próxima entre a homossexualidade masculina e as atividades marcadas fortemente pela divisão sexual trabalho feminino, o caso tratado aqui da profissão de cabeleireiro/a. Mesmo que se esteja abordando uma profissão específica, não seria nenhum prejuízo para análise

⁵ Ainda que submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, não foi possível acompanhar sua aprovação devido a questões envolvidas ao tempo de conclusão da graduação. No entanto, as questões éticas e técnicas da pesquisa foram cumpridas respondendo rigorosamente aos requisitos de assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido por todos/as os/as participantes envolvidos/as e às considerações requisitadas pela Resolução nº 466/12. Houve orientação de professores com titulação de mestres (Ms.) e aprovação por banca examinadora.

fazer relação com outros postos de trabalho feminino que permitem abertura para absorver as camadas mais oprimidas da sociedade, uma vez que se trata de postos desprivilegiados marcados pelos princípios tanto de separação como, principalmente, da hierarquização (KERGOAT, 1986, 2002, 2003; HIRATA & KERGOAT, 2007).

Isso pode ser comprovado porque os elementos que favorecem a entrada das camadas subalternas estão ligados aos atributos históricos impostos à mulher e ao feminino dessas profissões, como a paciência, a sensibilidade, a escuta, a empatia que os/as pesquisadores/as identificaram em seus estudos como *trabalho emocional* (HIRATA, 2016; GAVIRIA, 2011; RAMÍREZ, 2012). Se Hirata (2016) encontrou homens negros e estrangeiros na França em uma profissão caracteristicamente “feminina” e verificou o racismo como um sofrimento do trabalho *care* que os atingem, nas análises de Venco (2009) ao pesquisar os/as teleatendentes verificou a presença de homossexuais e transexuais, que chegou à conclusão: “se as mulheres são privilegiadas no momento da contratação, outro segmento encontra no teleatendimento oportunidade de emprego: os homossexuais e transexuais” (apud OLIVEIRA, 2015, p. 66).

Na profissão de cabeleireiro/a não é diferente, além do meramente técnico, o profissional também desenvolve uma atividade que busca atingir a satisfação da clientela pela via da autoestima, por isso, um bom/a cabeleireiro/a deve ir para além da finalidade estética e alcançar um suporte psicológico chamado de trabalho emocional. Esse elemento é uma típica característica do trabalho de cuidado que se pode definir como “a capacidade de se pôr no lugar do outro/a, de entender as suas emoções e necessidades particulares, controlando as próprias. É estar física e emocionalmente ao serviço do cliente, compreender e responder a suas necessidades” (GARIVIA, 2011, p. 20, tradução minha). O trabalho emocional não é só uma constância entre os cabeleireiros homossexuais de Bogotá - COL como Ramírez (2012) expôs, mas também é um elemento presente entre os profissionais homossexuais e transexuais de Iguatu-CE como se pode assegurar em uma das falas do entrevistado:

A gente chega até a ser um pouco *psicólogo* com a cliente. Elas gostam de desabafar um pouco. Elas têm até a gente como uma “amiga íntima”, alguma coisa assim parecida. Porque elas chegam até muitas vezes arrasada e a gente acaba [...] deixando ela com a autoestima lá em cima, superando-a com mais

do que com aquilo que ela precisava fazer no salão, né? (Entrevistado Amarelo).

Trata-se aqui de um elemento crucial para o trabalho dos/as cabeleireiros/as homossexuais e transexuais no município de Iguatu – CE não é à toa que é condição indispensável para o profissional saber moderar até que ponto deve atingir sua intervenção. A realidade da importância e controle do trabalho emocional na profissão de cabeleireiro/a foi presente no estudo de Gaviria (2011) com cabeleireiros/as de Bogotá-COL que afirmou o limite da escuta onde “(...) deve se pôr no lugar da pessoa, mas não entrar nos problemas das pessoas” (p. 20-21, tradução minha). Nas palavras de uma das profissionais de Iguatu - CE, é possível enxergar o trabalho emocional como um dos elementos principais que estão incorporados na definição da *postura* profissional, esta diretamente relacionada à capacidade do profissional controlar a escuta e manter o sigilo dos casos relatados para o/a cabeleireiro/a.

242

[...] tem clientes que traz problemas pro salão pra conversar contigo, pra se abrir: problemas de relacionamento, problema de família, problema pessoal mesmo. E quando ela se abre contigo é buscando uma resposta e você naquela hora você tem que ser *psicólogo*, você tem que ser [...] uma resposta positiva você tem que ser para ela. Tem que encontrar uma forma de ser positiva essa resposta, pelo menos dá a ela um norte para o problema que ela tá sofrendo e, imediatamente, guardar aquilo pra você e pra ela, né? *Que a partir do momento que você escuta que você resolve o problema de uma cliente, que não é do cabelo, que próprio... que é da vida dela e você conta pra outras pessoas que você resolveu, que ela melhorou porque você resolveu ou então expõe para outras pessoas você está automaticamente tirando toda a sua postura de um profissional. Eu acho que a postura do profissional, a maneira que ele se impõe é a parte principal. Se ele não tiver postura ele não é profissional nem aqui nem na China* (Entrevistada Lilás).

Assim, depara-se com uma das marcas “feminina” do trabalho na profissão de cabeleireiro/a para comprovar o mencionado anteriormente. Porém, seria limitante não fazer uma relação com outros postos de trabalho subalternos que também absorvem o extrato social de homossexuais e transexuais em um trabalho delimitado e com baixo valor social agregado, reflexo da inferioridade da mulher na sociedade patriarcal. Oliveira (2015) mesmo não utilizando o termo trabalho emocional como fez Hirata (2016), Gaviria (2012) e Ramírez (2012), demonstra que o suporte emocional ao público-alvo é um dos critérios favorecedores na inserção de Gays e Lésbicas no ramo de telefonia no Rio de Janeiro - RJ, onde em sua pesquisa um dos entrevistados denominado *Ney* relatou:

Eu acho que nós gays demonstramos mais habilidade em lidar com esse tipo de atividade [telemarketing] porque nós conseguimos ouvir mais. Quando batem muito em você, você fica mais fácil de ouvir o outro. Que é o caso. A sociedade sempre bateu na gente (OLIVEIRA, 2015, p.69).

Ou seja, a absorção de homossexuais e transexuais em postos de trabalhos marcados pela divisão sexual do trabalho desprivilegiada é oriunda de um sistema de opressão que subjazem as mulheres a ofícios que exaltam os atributos “femininos” que lhe são impostos. Daí compreender que essas as profissões marcadas pela divisão sexual do trabalho são espaços *consubstanciais* e *coextensivos*⁶ aos atributos imbuídos socialmente às mulheres nos quais marcam a desvalorização e a abertura aos segmentos subalternos. O fato desses sujeitos serem alvos da opressão em um regime heterossexual que os fazerem submissos e vítimas impulsiona para atividades que exigem um perfil passivo, acolhedor, receptivo e cuidadoso, envolto do considerado “feminino” ou, como foi exposto, também caracterizado de *trabalho emocional*.

243

Se de um lado, existem as reflexões sobre a subalternidade do trabalho *care* sintetizada por Hirata (2014) que põe o posicionamento de duas correntes: a das feministas que afirmam a desvalorização do *care* pela inextrincável relação com o trabalho doméstico e familiar realizado gratuitamente pelas mulheres e, paralelamente, a que afirma a vulnerabilidade e falta de cidadania de idosos e deficientes, impactando diretamente no status dos/as cuidadores/as considerados/as de “segunda categoria”. Por outro, influenciado aqui por essas elucubrações, pode-se questionar: a profissão de cabeleireiro/a é marcada pelo estigma por estar atrelada a uma atividade “feminina” ligada ao cuidado e ao suporte emocional como os/as cuidadores/as e teleoperadores/as ou por ter como agentes os sujeitos que já são alvo do regime heterossexual e do patriarcado? Isto é: a subalternidade da profissão de cabeleireiro/a está na natureza de ser uma atividade ligada ao “cuidado” e, por isso, ligada às mulheres? Por ser uma profissão majoritariamente composta por mulheres, homossexuais e transexuais, sujeitos alvo da opressão patriarcal e heterossexual? Sem dúvida, ambos os questionamentos são complementares para análise.

⁶ As noções de consubstancialidade e coextensividade foram desenvolvidas por Kergoat (2010).

Após as reflexões que comprovam a *consustancialidade* e *coextensividade* da profissão de cabeleireiro/a aos estereótipos “femininos” ligados à mulher por meio do trabalho emocional, agora outro elemento presente contraditoriamente na atividade marca a repulsa e a inferioridade das mulheres na profissão, o mito da *má mão*.

O MITO DA MÁ MÃO: reforço do patriarcado na profissão de cabeleireiro/a

Mesmo diante de uma profissão majoritária e historicamente constituída por mulheres tanto pelas agentes que a compõem quanto sua clientela, a atividade de cabeleireiro/a não está isenta dos rebatimentos de uma sociedade patriarcal-heterossexual e a expressão mais explícita é a viva força do *mito da má mão* (RAMÍREZ, 2012). Trata-se de um mito que se encontra diluído fortemente dentro do ideário da sociedade e, principalmente, entre os/as profissionais, porém, longe de se esgotar apenas ao nível ideológico, o *mito da má mão* tem rebatimentos concretos que subalternamente hierarquiza as mulheres no espaço do salão de beleza.

O *mito da má mão* está vinculado às mulheres de forma que não há como se desprender, pois tem origem na clássica ideologia naturalista de que elas são dotadas de determinadas características biológicas que as reduzem ao sexo biológico e suas práticas sociais em “papeis sociais” sexuais (KERGOAT, 2003). A reprodução do *mito da má mão* afirma que fatores hormonais e biológicos ligados às mulheres, como a menstruação, compromete o desenvolvimento do trabalho com o trato dos cabelos ao alegar dano e estrago. Assim, as reverberações desse mito atingem estritamente as mulheres ao afastá-las do espaço central e impô-las em postos subalternos dentro do salão de beleza, como identificado por Ramírez (2012) com os cabeleireiros homossexuais e transexuais de Bogotá - COL. Nesta pesquisa, foi possível comprovar que as mulheres são impelidas para postos considerados secundários como manicure, pedicure e depilação onde “(...) muitas mulheres desempenham em atividades menos reconhecidas e valorizadas (manicure, pedicure e depilação), que estão relacionadas com partes do corpo consideradas como sujas ou secundárias: os pés, as mãos e as axilas” (RAMÍREZ, 2012, s/p, tradução nossa).

Na pesquisa com os/as cabeleireiros/as homossexuais e transexuais de Iguatu-CE foi possível encontrar ponto de convergência com Bogotá COL, da mesma forma que o *mito da má mão* distancia as mulheres do posto de trabalho central dentro do salão de beleza, no caso o posto de cabeleireiro/a, de outro, permite encontrar completa inserção no posto de manicure e pedicure. Dentro das pesquisas elaboradas tanto em Bogotá COL quanto em Iguatu – CE, não se encontra homossexuais e transexuais ocupando o posto de manicure e pedicure, apenas mulheres.

Se Ramírez (2012) comprovou que a profissão de cabeleireiro/a dentro do salão ocupa centralidade e prestígio, não se pode desconsiderar as reflexões de Bourdieu (1998) que complementam essa análise ao constatar que a presença do homem em atividades consideradas “femininas” passa a ser enobrecidas e transfiguradas, assim, o autor compara a masculinidade como título de nobreza. Nas palavras do autor,

Além do fato de que o homem não pode, sem derrogação, rebaixar-se a realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (entre outras razões porque está excluída a ideia de que ele possa realizá-las), as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira, entre o costureiro e a costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas (BOURDIEU, 1998, p. 75).

Além disso, a nobreza nos postos “femininos” em que há a presença masculina pode também ser averiguada na profissão de cabeleireiro/a por meio da preferência da clientela por homossexuais e transexuais no tratamento e manuseio dos cabelos, ou seja, a inferioridade hierárquica a qual a mulher está subjugada tanto não se esgota apenas como consequência do *mito da má mão* que as persegue como também porque existe um forte mito sobre a mão dos homossexuais ser apta para as atividades artísticas e embelezadoras. Isso foi comprovado na pesquisa de Ramírez (2013) e também se reproduz o mesmo fenômeno nos/as cabeleireiros/as homossexuais e transexuais de Iguatu – CE, como é possível averiguar na seguinte passagem:

Um cabelo [...] hoje a maioria das pessoas que fazem cabelo comigo as femininas deixaram de sair dos cabelos das femininas heterossexuais para ir para os homossexuais por conta que se garantem mais, fazem o trabalho mais bonito, é... se dedicam mais. *As mulheres sempre visam: “Ah, eu não vou cortar meu cabelo com mulher não porque ela pode estar nos seus dias... podem estar menstruadas e meu cabelo não vai crescer e não fazem um cabelo bonito e não se garantem tanto como os viados, os viados puxam mais os*

cabelos”, eu vou logo no nome popular brasileiro, né? “Os gays puxam mais os cabelos e deixam mais bonito, deixa na escova, deixa mais brilhoso”. Cada cabeleireiro tem um truque, né? Pra deixar um tchan bonito, um tchan diferente no cabelo da cliente. E assim está até hoje por conta disso (Entrevistado Vermelho).

Um fato importante que está declarado na passagem e merece atenção no trabalho é a forte assimilação da profissão cabeleireiro/a com os homossexuais e transexuais, sempre sustentada pela ideia de que há uma aptidão desses sujeitos para a atividade. A partir de então, o item a seguir irá abordar como essa relação é nutrida, onde seguiremos desenvolvendo reflexões apoiadas na divisão sexual do trabalho e na ideia naturalista para compreender como foi construído o que chamaremos do *mito da boa mão*.

246

O MITO DA BOA MÃO: a ideologia naturalista em homossexuais e transexuais cabeleireiros/as

As reflexões pioneiras das feministas francesas e marxistas denunciaram a existência da ideologia naturalista que permeia dentro da divisão sexual do trabalho ao encarcerar as mulheres no trabalho reprodutivo através de justificativas biológicas. Kergoat (2002) avançou nos estudos ao contrapor os conceitos de “qualidade” e “qualificação”, enquanto esta é associada às atividades marcadas pelo sexo masculino onde aparece como especialização para o trabalho de forma racionalizada, aquela está ligada às atribuições ditas “naturais” e “instintivas” das mulheres, fruto de uma educação sexista no espaço privado. Daí afirmar que “(...) quanto mais o trabalho for resultado de uma aquisição, mais aparece como qualificado. Quanto mais ele for o efeito de capacidades que podemos chamar de naturais, menos é qualificado” (KERGOAT, 2002, p. 52).

No que se refere aos homossexuais também existe um ideário de que a subversão à heterossexualidade tem uma relação estreita com as atividades criativas tais como cabeleireiro, decorador, maquiador, estilista, dançarino, ou seja, dentro de uma parte específica da divisão sexual do trabalho feminino. Assim, a sexualidade dissidente do homem tem uma coextensiva relação com o êxito em trabalhos marcados pela divisão sexual do trabalho feminino, não é à toa que o debate de qualidade/qualificação exposto por Kergoat (2002) cai bem como uma luva para a nossa análise, pois essas habilidades

são também encaradas como atributos “naturais” de homossexuais e transexuais ou, mais precisamente, como “qualidades”.

E, de fato, entre as qualidades mais frequentemente atribuídas a identidade de "bicha" estão a criatividade, a sensibilidade artística e o humor, como se fossem propriedades *naturais*. Mas estas características que realmente são comuns a muitas bichas, o são justamente porque há uma relação importante entre a criação artística, a ambiguidade, o humor e uma visão crítica da sociedade, muitas vezes manifestada pelos homossexuais através de um comportamento caricaturalmente efeminado, conhecido como "fechação" (FRY; MACRAE, 1985, p. 57 – 58, grifos dos autores).

Vale ressaltar que os/as homossexuais e transexuais, assim como as mulheres, ficam subjugados e refêns da ideologia naturalista, pois também foi comum na história as errôneas abordagens da homossexualidade ligada a fatores hormonais e biologizantes próprio do discurso médico que considera a homossexualidade e a transexualidade como doença ou desvio. Nesse sentido, o próprio discurso médico atribuiu uma série de elementos característicos para que diagnosticasse e identificasse quem eram àqueles/as patologicamente homossexuais e transexuais, dentre essas características estavam a conclusão de que os “uranistas” sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia (FRY; MACRAE, 1985). Acrescentaram ainda que:

na maioria dos casos, anomalias psíquicas. (*disposição brilhante para a arte, especialmente música, poesia, etc.*, ao lado de poderes intelectuais maléficos ou excentricidade original) são presentes e podem se estender a condições salientes de degeneração mental (imbecilidade, loucura moral) (FRY, MACRAE, 1985, p.64, grifos meus).

Aqui está incluso dentro desse rol de atividades a profissão de cabeleireiro/a, já que é considerada entre seus agentes como “[...] *chega a ser uma arte*” (Entrevistado Amarelo) pelo principal requisito exigido dos/as profissionais de noções de embelezamento, transformação e criatividade. Assim, a profissão de cabeleireiro/a aparece como um espaço laboral para o refúgio e depósito de todos/as aqueles/as que são empurrados pela ideologia naturalista e o discurso da tradição médica envolto da sexualidade.

Em síntese, a equação que estamos defronte é: a) a ideologia naturalista, considerada aqui a expressão mais explícita do patriarcado na profissão de cabeleireiro/a, como um elemento que inferioriza as mulheres dentro do salão de beleza ao afastá-las do

tratamento com os cabelos; b) o discurso médico tradicional envolto da sexualidade que aparece para preencher essa lacuna ao reforçar também por meio dos princípios hormonais e biologizantes que homossexuais possuem pré-disposição genética favorável para essa atividade; e c) a análise de enobrecimento e grande valor social agregado das atividades “femininas” quando realizadas por homens e fora do espaço privado. Nessa equação, a somatória resulta na profissão de cabeleireiro/a como tipicamente homossexual e transexual com incidentes traços patriarcais.

O forte ideário do discurso biologizante de uma *boa mão* dos homossexuais e transexuais para a atividade de cabeleireiro/a não passa despercebido e logo alcança aceitação social. Espraia-se com uma incidência significativa que não adianta ser apenas homem, tem que ter a sexualidade considerada “desvio” ou “doença”, afinal, são os fatores *hormonais* que sustentam esse mito. Com isso, homens heterossexuais e mulheres (heterossexuais ou não) não são atingidos pela *boa mão*, mulheres por terem fatores ligados à menstruação e homens heterossexuais por não serem alvo do histórico discurso médico de considerar a homossexualidade como doença.

Longe de se esgotar a disseminação do *mito da boa mão* apenas naqueles/as que enxergam por fora a atividade de cabeleireiro, até mesmo os/as agentes que compõem a profissão também reproduzem e encontram legitimidade. Mesmo não sabendo a origem do *mito da boa mão* e nem as consequências nocivas que traz, os/as agentes replicam e exaltam ingenuamente a “qualidade” inata que ser homossexual e transexual porta ao ser cabeleireiro/a em relação aos demais, como é possível ilustrar na passagem:

[...] eu fiz um seminário agora dessa linha italiana que eu trabalho aqui e o profissional era homem, homem casado, e ele, um grande profissional, *mas ele não se destacava em pequenos detalhes que tivesse mais delicadeza como em maquiagem, penteado* (Entrevistado Amarelo).

Um pensamento simplista e biologizante que permeia a atividade laboral de cabeleireiros/as com origens no discurso médico da sexualidade por mais “favorável” em termos de reconhecimento de um bom desempenho ainda reforça um pensamento impossível de garantir uma real libertação dos sujeitos e um avanço para o debate da sexualidade (ainda pouco explorada nos estudos sua relação com o trabalho), já que

qualquer forma de encarceramento é uma limitação. Por isso, a necessidade de questionar qualquer que seja a manifestação de um discurso que se justifica o êxito do trabalho por meio de bases biológicas e naturais possa parecer “favorável” para os/as que subvertem a heterossexualidade, só assim se evitará cair nas armadilhas da essencialização da sexualidade.

Considerações Finais

Ainda que ao nível aparente possa ser sugestivo e ludibriante afirmar uma suposta “qualidade” para os homossexuais e transexuais nas atividades atreladas ao universo “feminino” marcadas pela divisão sexual do trabalho, o debate da sexualidade com a “consustancialidade/coextensividade”, os conceitos de “qualidade/qualificação”, a ideologia naturalista e o trabalho emocional comprovaram ser um caminho rico de possibilidades para o desvelamento de elementos que percorrem no caminho do essencialismo. Esse exercício é importante para que não se recaia em “armadilhas” essencialistas, historicamente oriunda da natureza do discurso médico tradicional acerca das sexualidades subversivas.

Na pesquisa, a relação entre homossexualidade e transexualidade com a profissão de cabeleireiro/a como foi vista é complexa e tem uma série de elementos que se somam na equação. Acrescente-se: a) um trabalho que exige escuta, cuidado e tratamento de estar a serviço físico e emocionalmente para o cliente, muito comum para aqueles/as que são subjulgados para as margens da sociedade; b) um posto de trabalho marcado pelos princípios da divisão sexual do trabalho feminino, ou seja, pela separação e a desprivilegiada hierarquização, também favorecedor para ocupar os mesmos sujeitos dos ramos de telemarketing e do *care*; c) a forte presença do mito da *má mão* que inferioriza e impele as mulheres para profissões consideradas secundárias como manicure, pedicure e depilação ao passo que deixa uma brecha para que homossexuais e transexuais ocupem cargos no manuseio e tratamento de cabelos; d) a análise de que a presença de homens nos cargos femininos agrega valor e atribui protagonismo; e) a forte disseminação de um mito embasado no discurso médico que relaciona fatores hormonais de homossexuais e transexuais como predisposição exitosa para atividades e “qualidades” ligadas a arte,

embelezamento, delicadeza, detalhe, transformação e *glamour*, o que chamamos de *mito da boa mão*.

Nisso tudo, confluí-se afirmar que ainda muito se tem a investigar sobre a inserção e ocupação dos sujeitos que subvertem a heterossexualidade nos postos de trabalho marcados pela divisão sexual do trabalho seja para desvelar o essencialismo ou a ideia naturalista, como neste caso, ou seja para identificar outros elementos que incidem nos sujeitos subversivos ao regime heterossexual.

Referências

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Trad.: Maria Helena Kühner. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAVALCANTE, F. B. S. *Diversidade Sexual e Trabalho na sociedade de classes: os processos de trabalho dos/as cabeleireiros/as LGBT do município de Iguatu-CE*. 135 f. Monografia (Graduação em Serviço Social). Departamento de Ensino. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Iguatu, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/YBSBp9>> Acessado em: 09 de Mar. de 2019.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. *Revista Contexto/Educação*, Ijuí, Unijuí, v. 7, 1987, p. 01 - 06. Disponível em: <<https://cutt.ly/uh1KaxL>>. Acessado em 23 de dez. 2020.

GAVIRIA, L. G. A. Género, trabajo emocional y corporal em peluquerías y salones de belleza. *La manzana de la discórdia*, enero-junio, vol. 6, nº1, p. 09 – 24, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/24KccY>> Acesso em 11/03/2015.

GGB – Grupo Gay da Bahia. *Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais no Brasil (LGBT) relativo a 2013*. Acessado em 20 de jun. 2014.

HIRATA, H. & KERGOAT, D. “A Classe Operária Tem Dois Sexos”. In: *Estudos Feministas*, Espírito Santo: UFSC, n. 1, 1994.

_____. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Trad. Fátima Murad. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 132, v. 37, p. 595 – 609, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/mUEbN7>>. Acesso em 09 de mar. 2019.

HIRATA, H. Subjetividade e Sexualidade no Trabalho do Cuidado. In: *Cadernos Pagu*, n. 46, jan-jun, p. 151-163, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/VYXXkf>>. Acessado em: 09 de mar. 2019.

KERGOAT, D. “Em Defesa de um Sociologia das Relações Sociais: da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação”. In: Andrée Kartchevsky [et. al.]. *O Sexo do Trabalho*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. A Relação Social de Sexo da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. *Pro-prosições*, vol. 13, n. 1, p. 47 – 59, Jan/Abr. 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/BGvyhN>>. Acesso em 06/04/2015.

_____. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos estudos – CEBRAP*, n. 86, p. 93-103, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/3qQeSN>> Acesso em 12/03/2015.

_____. Divisão Sexual do Trabalho e as Relações Sociais de Sexo. In: Helena Hirata et. al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Unesp, 2003.

NETTO, J. P. *Introdução ao Estudo do Método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, M. E. R. G. *Diversidade Sexual e Mundo do Trabalho: uma análise a partir da experiência de trabalhadores Gays e Lésbicas no setor de telefonia/telecomunicações do Rio de Janeiro*. Seropédica, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do rio de Janeiro.

OLIVEIRA, M. M. *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

RAMÍREZ, J. B. (Alanis). Peluqueros, estilistas y barberos: hegemonías masculinas e identidades laborales en peluquerías y barberías bogotanas. *La Manzana*, Bogotá, n. 10, junho 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/bLgQHJ>> Acesso em 09 de mar. 2019.

RICH, A. Heterossexualidade Compulsória e a Existência Lésbica. *Bagoas*, vol.05, p. 17 – 29, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/xNrJ3y>>. Acesso em 03/02/2015.

TELES, E. L. *O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidades*. 104 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

_____. Barbeiros x Cabeleireiros: disputas no terreno da memória. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho, 2011.

TELES, E. L.; SÁ, A. F. A. “Cabelo, Barba e Bigode”: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007). *Ponta de Lança*, São Cristóvão, n. 3, v. 2, out. 2008/abr. 2009.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Trad. Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2006.

THE SEX OF SCISSORS

The brand of sex in the profession of hairdresser on homosexuals and transsexuals of

Iguatu – CE

Abstract: Contributions on the sexual division of labor by Kergoat (1986, 2002, 2003, 2010), Hirata (2016), Kergoat & Hirata (2007), Delphy (2015) in proving the principles: separation and hierarchy; the studies by Teles (2011, 2012), Teles & Sá (2008) on the barbers in Aracaju-SE; and Ramírez's research (2012) with hairdressers homosexuals from Bogotá-COL identified that at work there are elements beyond the production of *use* and *exchange* values. Thus through interviews, field diaries and participant observation, the work of the hairdressers homosexuals and transsexuals of Iguatu-CE was investigated for elements that particularize them and that were identified: a) *emotional work* (HIRATA, 2016 ; GAVIRIA, 2011; RAMÍREZ, 2012), b) *the myth of the bad hand* (RAMÍREZ, 2012) and c) *the myth of the good hand*, an ideology that affects homosexuals and transsexual hairdressers. This article reflects the need to uncover elements that denounce *heterosexual society* (Wittig, 2006) through studies of the sexual division of labor, indispensable to combat the heterosexual regime and patriarchy.

252

Key Words: Sexual Division of Work. Sexuality. Gender. Social Relations of Sex. Social Class.

Recebido: 09/09/2020

Aceito: 17/12/2020